

## NA ESCRITA, “NOVOS” SENTIDOS, “NOVAS” SUBJETIVIDADES DELINEIAM O LUGAR DO SUJEITO PROFISSIONAL

Maria de Lourdes Leandro<sup>44</sup>

**RESUMO:** O presente artigo focaliza a relação entre o sujeito social e a escrita no cotidiano do seu trabalho. A partir de dez entrevistas realizadas com sujeitos em seu ambiente de trabalho, foram selecionadas respostas de uma das questões que falam de como o escrever se configura uma atividade necessária no desempenho profissional. Esses dados contextualizam a questão-problema que orienta a abordagem teórico-analítica desse artigo: Em que medida a escrita se revela como um mecanismo de controle do sujeito, em função do outro? Situando essa abordagem no contexto teórico da Análise de Discurso (francesa), objetiva-se interpretar movimentos do sujeito de discurso, revelando processos de subjetividade, constituídos pela relação do sujeito com o discurso do poder e o do saber, nos dizeres de cinco entre os sujeitos entrevistados. Na enunciação discursiva, os dizeres revelam movimentos de subjetividade, alicerçados pelas relações de poder/saber que informam como o sujeito faz e se instaura no circuito das relações sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Processos de Subjetividade. A escrita no trabalho.

**ABSTRACT:** This article focuses on the relation between the social subject and writing in one's daily work. Through ten interviews with subjects in their workplace, answers of a question about how writing represents a necessary activity in the professional development were selected. These data contextualize the problem-question that orients the theoretical-analytical approach of this article: To what extent writing is revealed as a control mechanism of the subject, in function of the other? Placing such approach in the theoretical context of Discourse Analysis (French), this paper aims at interpreting movements of the discourse subject, revealing subjectivity processes, constituted by the relation of the subject with the discourse of power and knowledge, in the speech of five among the subjects interviewed. In Discursive enunciation, the words reveal movements of subjectivity, grounded by the relations of power/knowledge that inform how the subject does and sets oneself up in the circuit of social relations.

**KEYWORDS:** Discourse. Subjectivity Processes. Writing in the workplace.

### Introdução

Em meio a tantas demandas, hoje, com as quais lida o sujeito na vida social, destaco aquelas que envolvem o uso da escrita no trabalho cotidiano do sujeito profissional. Em toda história da humanidade, o homem vem desafiando sua relação com a escrita. Segundo Chartier (2007 e 2002), escrever, apagar, documentar, inscrever-se na escrita sempre acompanhou o homem, numa relação de constituição do modo de ser humano que não se rende às fronteiras do tempo: é fenômeno do ontem, do hoje e da posteridade. Falar dessa relação, no momento atual (século XXI), com a tecnologia já instaurada como um novo lugar do sujeito letrado, trazendo outros modos de lidar com a escrita, que não é mais só a do papel, mas a digital, parece que seria evidenciar uma discussão ultrapassada, se considerarmos a amplitude que tem sido dado ao lugar da escrita digital.

---

<sup>44</sup> Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Na verdade, essa é outra discussão que merece ser tratada e analisada, principalmente, no domínio do discurso escolar, devido aos sentidos que tem gerado, como outros entendimentos, acerca da compreensão do lugar dessa escrita nas práticas sociais discursivas que dela necessitam, em função do que se concebe sobre o que é escrever, no domínio da cultura escolar. Esses outros entendimentos se materializam em discursos que circulam sobre a influência negativa da escrita digital como o lugar da transgressão das normas, logo, ameaça ao domínio da escrita correta.

Então, a discussão que trago não pretende fazer confronto entre esse lugar da escrita digital e o lugar da escrita no papel, mas, exatamente, evidenciar uma compreensão sobre a relação sujeito/escrita manual em atividades sociais nessa sociedade letrada, contemporânea, especificamente, no contexto do trabalho.

Motivada pelos dizeres de sujeitos que trabalham, tenham formação universitária ou não, falando de como lidam com a escrita manual no seu trabalho, chamou-me a atenção como o discurso desses sujeitos revela movimentos de subjetividade, movimentos estes, alicerçados pelas relações de poder/saber que nos informam como fazemos e somos no circuito de nossas relações sociais.

Instaurada nesse contexto, delinheio a questão-problema que orienta a discussão que trago nesse artigo: Em que medida a escrita se revela como um mecanismo de controle social do sujeito, em função do outro? É fato que a escrita é um produto por excelência a cumprir diversas funções na vida social das pessoas. Por outro lado, esse fato tem gerado reflexões bastante recorrentes em abordagens dos estudiosos da Linguística Aplicada, como a contribuição de Antunes, (2003), entre outras. Questões como essa e questões outras sobre a relação desses sujeitos profissionais e sua prática de escrita foram trabalhadas em artigos elaborados por duas alunas de Iniciação Científica, por mim orientadas, que levantaram dados da pesquisa que integra nosso projeto de PIBIC/CNPq, da cota de 2011.2/2012.1.<sup>45</sup>

A proposta desse artigo, fundamentada numa direção teórico-metodológica da Análise de Discurso (francesa), traz para análise um recorte do *corpus*, gerado pela referida pesquisa. Das entrevistas realizadas com dez profissionais, sendo cinco com formação acadêmica e cinco com formação básica, selecionei alguns dizeres que falam de como escrever textos se configura uma atividade necessária no desempenho profissional. Objetivo, assim, interpretar,

---

<sup>45</sup> O *corpus*, objeto de análise, nesse artigo, resulta da pesquisa realizada no projeto de PIBIC/UEPB/CNPq, Cota 2011.2/2012.1 “A prática da escrita fora da escola: o que dizem os discursos nas narrativas de sujeitos profissionais.”. Tem como alunas bolsistas Marisa Barbosa dos Santos e Izabel Fernandes. Também trago partes de comentários teórico-reflexivos de um outro artigo meu (LEANDRO, 2012) que apresentei no II CIELLI, 2012, abordando outro recorte desse *corpus*.

nesses dizeres, movimentos do sujeito de discurso que podem revelar processos de subjetividade, constituídos pela relação do sujeito com o discurso do poder/saber. São noções trabalhadas a partir da contribuição de Michel Foucault, Bauman, Orlandi, entre outros.

Nesse artigo, o aporte teórico configurado no item um (1.0) recorta uma discussão teórica, resumidamente trabalhada sobre noções, entre outras, de discurso, poder e saber que implicam a consideração do lugar de sujeito do discurso, no discurso, falando de como este revela o fenômeno da governamentalidade, sob a ótica de Foucault. Esse fenômeno aponta, no dizer discursivo, mecanismos de controle do sujeito social em função do outro, instaurado pela escrita e na escrita.

Sob a contribuição de Orlandi, trago a concepção do processo de Subjetividade, considerando a noção de sujeito discursivo contemporâneo, com base no construto teórico do sujeito de discurso da AD. A contribuição de cada teórico dialoga na direção do modo como abordo a questão do discurso sobre o *poder*. E, nesse contexto, é preciso esclarecer a contribuição teórica de Bauman sobre as novas relações sociais e o lugar do *outro* na constituição do sujeito, dados que resgato de Bakhtin.

No item dois (2.0), desenvolvo a análise em que trabalho um modo de interpretar, de compreender como, na discursividade, instaurada no dizer dos sujeitos revela-se o seu modo de subjetivar-se, naquele lugar social de onde falam, e como, nesse lugar, de que mecanismos linguístico-discursivos se apropriam, revelando movimentos de subjetividade, gerados nas relações sociais, no movimento discursivo do governo de um sobre os outros. Tento assim levantar questões pertinentes às discussões sobre essa relação escrita/sujeito/sociedade.

Concluo o artigo com as devidas considerações finais e com o quadro referencial que fundamenta minhas leituras.

## **1. Aporte teórico**

### **1.1 *Discurso, poder/saber***

Discurso, entendido como prática discursiva de produção de sentidos, como assim entende Foucault ([1969]/2007), Pêcheux ([1988]/1995) e Orlandi (2004), constitui-se de discursos outros, configurando-se pela ação dos sujeitos: ouvindo, falando, lendo, escrevendo, nos apropriamos de dizeres outros que atravessam o nosso dizer, pelas redes de memória (interdiscurso). Sendo assim, o discurso circula materializado na linguagem. Nessa direção, linguagem não é apenas um sistema de signos, homogêneo e acabado, mas concebo

linguagem como um sistema discursivo, constitutivamente heterogêneo, aberto para a produção de sentido(s) e para a constituição do sujeito.

As pessoas, com os discursos, agem diferentemente e ativamente na sociedade produzindo realidades psicológicas e sociais que constituem as práticas discursivas (PINHEIRO, 2000). Assim, o modo como os indivíduos articulam discursos sociais, organizacionais evidencia, no mundo do trabalho, complexas relações do sujeito com o outro em sociedade. Esse domínio, hoje, mais que em outras épocas, tem na escrita seu objeto de “garantia”. Como comenta Certeau (1996, p. 224-225), sobre “escrever como prática mítica moderna”: hoje, não é mais o oral que contribui para o progresso, mas “um movimento que é uma prática: escrever”, originando, assim, uma “lei interna daquilo que se constitui como ‘ocidental’: Aqui só se compreende aquilo que se escreve”.

Esse modo de considerar a escrita, insinuada no discurso dos sujeitos profissionais, focalizados nesse artigo, faz lembrar as considerações de Bauman (2007) sobre o que ele denomina de sociedade “líquido-moderna”. Aquela, cujas condições de ação dos sujeitos mudam com rapidez tal que não dão tempo de consolidação de novos hábitos. Sob essa ótica, segundo o autor, a vida moderna, deste século XXI, está orientada por um sentimento de transitoriedade em tudo e para tudo. Tudo é feito para não durar, tudo tem que ser feito de modo rápido, pois rapidamente cai no obsoleto e logo surge algo novo. Então, as relações de um para com o outro também têm se influenciado por esse novo modo de ser do sujeito, quanto ao tempo, ao espaço, ao agir.

Segundo Bauman (idem, p. 9), “[...] a vida nessa sociedade líquido-moderna não pode ficar parada. Deve modernizar-se (...) ou perecer.” Ou seja, a cada dia surgem novidades e imperiosa fica a necessidade de substituir, para se ir em frente. O discurso dos sujeitos em foco, acerca da escrita, na prática cotidiana do trabalho de cada um, parece evidenciar relações sociais que sugerem esgotar-se no momento em que ocorrem, daí a escrita instaurar-se como estratégia de conter, no registro, um “aqui-agora” que interessa à relação social estabelecida para objetivos de natureza imediatista. Sob a ótica da teoria da “vida líquida” de Bauman (2007), essas relações sociais no trabalho revelam uma natureza de caráter “líquido”, isto é, fugaz, sem pretensões de estabilidade. No domínio da teoria de discurso da AD, esse caráter de instabilidade em que se instauram as relações sociais do homem de hoje precisa levar em conta que as produções de sentido, daí advindas, são estabelecidas na sua relação com as questões do poder e do saber.

Sabemos que a questão do sujeito e sua relação com a linguagem, com a escrita, é um assunto que envolve, obrigatoriamente, a noção de poder e saber. Foucault (1987),

analisando o fenômeno *poder*, a partir de sua evolução histórica, esclarece ser a relação de poder um elemento constituidor da organização do homem em sociedade. Tomando como referência o período que vai do séc. XVII ao séc. XVIII, e, nele, instituições como exército, prisões, hospitais, conventos, demonstra o autor como esse sistema (poder político), rapidamente, se disseminou, chegando a outros lugares sociais.

Por outro lado, delineando a construção da noção de governo, Foucault adverte que o sistema de controle das ações do homem, do seu corpo, já existia há muito nas sociedades, mas, nesse período a que se refere, a preocupação com esse controle assumiu proporções gigantescas. Foucault atribui o termo *disciplinas* a essa disseminação de métodos que, no decorrer desse período, tornaram-se “fórmulas gerais de dominação”.

Trata, assim, a noção de poder (idem, 1995) como algo não estático, acabado, uno, pronto, não é uma unidade, definindo-o, então, como “relações de poder”, historicamente instauradas nas práticas, nos saberes e nas instituições. Não se reduz somente a ato de dominação, “[...] pois não pertence a ninguém e varia ele mesmo na história”, conforme comenta Revel (2005, p. 67).

Diferentemente de Pêcheux (1995) que considera estarem os sujeitos assujeitados a uma única forma de poder (estatal), Foucault trabalha um outro modo de ler as teses marxistas, lê as idéias de Marx como “ferramentas”, a fundamentar a configuração teórica que produz sobre o “poder”, algo e/ou movimento que se exerce sobre o corpo para discipliná-lo, em função do olhar do outro, logo conforme o olhar de quem olha. É a maquinaria da vigilância produzida pela sociedade moderna, cujo controle disciplina e organiza o tempo e o espaço do homem na vida moderna atual.

Para Foucault, lugar de poder do sujeito no discurso é o lugar de luta consigo próprio, interpelado pelo discurso da governamentalidade,

[...] forma de atividade dirigida a produzir sujeitos, a moldar, a guiar ou a afetar a conduta das pessoas de maneira que elas se tornem pessoas de um certo tipo; a formar as próprias identidades das pessoas de maneira que elas possam ou devam ser *sujeitos*. (MARSHALL, 1994/2002, p. 28)

São, assim, estratégias produzidas pela sociedade, em relações privadas interpessoais, entre outras formas. Realiza-se como uma produção de discurso que fala de um movimento social, criado e controlado pelo homem, em função dos outros, é o que Foucault denomina de “microfísica do poder” (FOUCAULT, 1979; GREGOLIN, 2004).

Para Foucault (1979), há um sistema de poder e submissão organizado por técnicas e mecanismos através dos quais o poder age sobre os corpos. É um poder coletivo que se

materializa no olhar, na ação de cada um: é o movimento de controle de cada um sobre o outro. Em todo canto, temos sempre alguém nos olhando e nos interpelando pela sua presença, pela sua ação, pela sua palavra.

Juntamente com esse mecanismo disseminado na vida social sobre o tempo, há outros, como lembra Gregolin (op. cit. p. 131): “[...] outras formas sutis de aprisionamento dos corpos, essas técnicas disciplinares sobre o espaço, a vigilância e o saber” que garantem o adestramento, a subordinação. Não poderia a escrita, hoje, estar se revestindo desse lugar de controle das ações do homem, em determinadas atividades sociais, profissionais? Assim é que o homem é “livre” para controlar a sua “liberdade” e a dos outros, como comenta a referida estudiosa.

Foucault não trabalha a noção de poder a partir da referência aos aparelhos ideológicos althusserianos, mas constrói uma teoria e análise do poder que, como já sinalizei, instaura, com certeza, um movimento de lutas. Considero que, para Foucault, os sujeitos estão permanentemente atuando com “micro-lutas”, em que não há um único centro de poder. Os movimentos do sujeito para a submissão a esses mecanismos ou para a resistência são constitutivos do próprio sujeito.

Em se tratando das relações de produção e de significação, o sujeito expõe-se a relações de poder muito complexas, instauradas nas práticas discursivas. No interior destas, há um *poder disciplinar* que regula, governa a sociedade e o indivíduo. O exercício do poder, segundo Foucault (1995 p. 242), “[...] não é simplesmente uma relação entre ‘parceiros’ individuais ou coletivos; é um modo de ação de alguns sobre os outros” que se traduz em forma de *condutas* que assumem variados estilos de governabilidade: indução, desvio, facilitação, dificuldade, incitação, coação, impedimento, limitação ou ampliação, entre outros. Esse poder circula nas instituições sociais, onde há um jogo de dominação pela língua falada e escrita, cujo objeto de manipulação é a questão do *saber*.

Segundo Marshall (1994/2002, p. 24), as relações de poder existem e são exercidas, conforme sua relação com o saber que as informa, através do que denomina de *blocos disciplinares*, denominação, segundo esse estudioso, de Foucault para se referir às práticas profissionais (médico, professores, militares, etc.). Situando teoricamente essa noção, Foucault ([1969]/2007) trata as questões históricas sobre a constituição do saber como um conhecimento, ou melhor dizendo, como efeitos de conhecimentos que se constroem nas práticas discursivas: “Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva” (p.204). Para o autor, não se trata de conhecimentos científicos que ganharam *status*, apenas,

mas de domínios constituídos por diferentes objetos que podem adquirir ou não o lugar de prestígio.

O saber, para o estudioso, não se define como objeto pronto e acabado, mas como um exercício político do sujeito na sua prática discursiva. Nessa direção, podemos dar lugar ao saber que está nos comportamentos, nas lutas, nos conflitos, nas decisões e nas táticas (FOUCAULT, [1969]/2007, p.218), o saber em sua relação com o homem, com a história pela linguagem.

## 1.2 Subjetividade, Sujeito discursivo contemporâneo

Na enunciação, a produção de sentidos não se dá de forma simétrica entre sujeitos em interação. Sempre ocorre numa relação de dominância que depende das posições do sujeito. Essas relações podem ser de acordo ou de conflito. O sujeito de discurso, para fazer sentido de suas experiências, constrói-se subjetivamente pelos mecanismos linguístico-discursivos revelados na enunciação, conforme o papel social de que se reveste o sujeito de discurso. Esse movimento de subjetivação decorre do posicionamento que assume o sujeito em relação aos discursos.

Essa temática remete a um dos aspectos teórico-analíticos que fazem parte da minha linha de pesquisa que fundamentou o trabalho desenvolvido na minha Tese de Doutorado (ALMEIDA, 2008). Desse trabalho, resgato recortes da abordagem sobre o tema – sujeito – subjetividade –, no construto teórico da Análise de Discurso (francesa).

A subjetividade é elemento constitutivo do discurso, cuja materialização se dá pela apropriação que dele faz o sujeito na prática viva da linguagem e isso ocorre quando há um deslocamento do indivíduo que sai de sua situação empírica (sujeito falante) para sujeito, situação social. Em qualquer instância, o sujeito compromete-se com a palavra, logo subjetiva-se, desencadeando processos de assujeitamento, ao ocupar posições.

Somos assujeitados, porque somos interpelados (*falados*, como diz Orlandi, 2005a, p.108) em sujeito pela ideologia, pois os sujeitos e os sentidos não podem ser qualquer um, há a determinação histórica e a Análise do Discurso trabalha entre o possível e o historicamente determinado. Nessa direção teórica, fundamentada em Pêcheux ([1988]/1995), que concebe o sujeito como lugar social, agente das práticas sociais, Orlandi (2005b) trabalha a noção de sujeito discursivo contemporâneo.

Segundo a autora, pensar o sujeito nessa perspectiva é considerar a sua relação com a sua forma histórica, logo, é compreender que o sujeito não é totalmente livre por sua vontade, pois há a interpelação à ideologia e hoje é pensar o sujeito resistindo aos modos como a

sociedade (o Estado) produz meios de individualização do sujeito. Daí podermos relacionar com o modo como Bauman (2007) pensa as relações sociais, fluidas, instáveis. Para Orlandi (idem), elas são sentidas como uma série de provas (provações) individuais (p.8).

Nesse contexto social dessas novas formas de organização, o sujeito discursivo contemporâneo é o que luta, resiste a esse processo atual de individualização. Luta ou com ele se identifica? Hoje, conforme frisa Orlandi (idem, p.2), “[...] a materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos (ou outros) lugares”. Tomando como referência, o espaço urbano, e nele, os ambientes de trabalho em que a escrita no papel é utilizada como objeto de trabalho, é possível entender como esta revela um modo de os sujeitos serem uns com os outros.

Pelo processo de interpelação do sujeito pela história, pela ideologia, o sujeito revela-se na sua forma individualizada, concreta: no nosso caso, podemos lembrar essa forma de individualização, quando os nossos informantes se posicionam ora como trabalhador autônomo, ora como comerciante, recepcionista, ora como padre, ora como odontóloga. Na materialidade linguística, essas representações emergem como efeitos de sentido,

O sentido não se constrói com ausência do sujeito que, mesmo não sendo a sua origem e fonte, é, no mínimo, seu agente, responsivo tanto em situação de recepção como em situação de produção, conforme Bakhtin (2000) explicita, quando deixa clara a importância da *alteridade*, a inserção do *outro*, na construção do sentido. Quando analisa a relação eu/o outro, trabalhando a implicação da visão do exterior inalcançável para o *eu*, mas constituinte de sua formação/compreensão própria e do mundo, Bakhtin (op. cit. p 43-45) diz:

Esse *excedente* constante de minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no mundo: neste lugar... todos os outros se situam fora de mim... o que vejo do outro é precisamente o que só o outro vê quando se trata de mim... O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade.

Nessa abordagem em que o autor trabalha amplamente as implicações das relações *eu- o outro*, *eu e todos os outros*, *eu-para-mim*, *outro-para-mim*, percebemos que essas relações não se dão de forma passiva (pelo menos não deveriam). Bakhtin acentua nessas relações o processo de identificação na construção da identidade. O acabamento do sujeito depende do outro, como frisa o estudioso: “Relacionar o que se viveu ao outro é a condição necessária de uma identificação e de um conhecimento produtivo [...]” (op. cit. p 46). Entendemos que a via de realização da ação é interior, mas é uma construção que sai e volta



para o sujeito, conforme esteja situado em um lugar social: a imagem que faço do objeto passa para o interior (motivado pelo exterior) e vai para o exterior, voltando para o interior. (BAKHTIN, 2000). Evidentemente esse processo se realiza pela linguagem, sendo assim tanto atua o consciente como o inconsciente, e a ideologia.

Podemos, então, observar que nas situações sociais de trabalho em que se situam os sujeitos entrevistados, a escrita, tratada como código, instrumento de trabalho para todos, evidencia-se como objeto ideológico, revelando a imagem que cada um faz do outro com quem se relaciona. Sob a perspectiva do discurso, a escrita instaura-se como lugar de subjetividades para veicular mecanismos de governamentalidade, movimentos que falam de como esses profissionais compreendem as ações que realizam sobre os outros e ao mesmo tempo, sobre eles mesmos, instaurando-se sempre como profissionais naquele lugar de onde falam.

## 2. A análise

O corpus constitutivo desta análise evidencia respostas de sujeitos de discurso, situados socialmente, no seu ambiente de trabalho. Falam de como utilizam a escrita manual, nem sempre produzindo textos, mas todos escrevendo, registrando dados, em determinados e específicos meios de escrita, conforme o tipo de trabalho, exercido por cada um. Como informei na introdução, esse corpus traz um recorte de entrevistas realizadas com dez profissionais. Os *blocos disciplinares* aqui destacados são os referentes a trabalhador autônomo, recepcionista em hospital, comerciante, padre, odontóloga.

Com relação à pergunta que lhes foi dirigida, obtive as seguintes colocações, sobre as quais desenvolvo minha leitura interpretativa. Procuro compreender como, na linguagem, o sujeito de discurso revela seu(s) processo(s) de subjetivação. Considero, para isso, o lugar de onde fala o sujeito e a interação que, a partir desse lugar, ele estabelece com o outro.

Entre as questões da entrevista, apresento a questão três, referência para as respostas que se seguem:

“A escrita de textos é uma exigência, para você realizar suas tarefas?”

### RECORTE I

*É sim, o nome da pessoa, o endereço, o bairro, o telefone eh:: o nome dos documento, é por obrigação de escrever. (APOSENTADO - AUTÔNOMO)*

## RECORTE II

*Sim é (xxx) a empresa ela ela tem como abrangir isso aí porque a gente é precisa de relatos do nosso plantão entendeu? então a gente no final do expediente a gente relata todo o acontecimento que houve das doze horas... do caso do meu plantão. (RECEPCIONISTA – Hospital)*

## RECORTE III

*SIM É(+) exige muito de mim por conta que tenho que... fazer preço(+) depende de mim, depende da minha escrita... tenho que realizar as contas... também depende muito da escrita. (COMERCIANTE)*

## RECORTE IV

*Na verdade acredito que sim, tenho que diariamente preparar avisos, comunicados que devo passar para as pessoas. Devo preparar textos resumidos que me vão ajudar, na preparação que devo falar em público, que na verdade são minhas memórias. (PADRE)*

## RECORTE V

*Na minha profissão é obrigatório, desde que realize procedimentos simples mas também procedimentos que requerem maiores detalhes. (ODONTÓLOGA)*

Em todos os movimentos de enunciação discursiva, expostos acima, o sujeito se subjetiva, na relação com o outro, esteja presente à interação, ou não. O dizer revela como o outro o interpela para constituir-se sujeito. Como afirma Bakhtin, é no construto do *eu-o outro, o outro-para-mim* que surgem os processos de identificação, logo se evidenciam os sentidos, em função do lugar de onde os discursos são construídos. Em todos os lugares de enunciação desses sujeitos sociais, percebo que há um discurso que fundamenta esses dizeres, ideologicamente marcados. É o discurso que informa sobre relações de poder, evidenciando ora o sentido de um poder que implica injunção “...é por obrigação de escrever”, ora o sentido de um poder que implica dever “tenho que diariamente preparar avisos, comunicados que devo passar para as pessoas”, ora um sentido que implica necessidade “...a gente precisa de relatos de nosso plantão”, sempre falando de graus de verdade.

Analisando detidamente esses fragmentos, podemos assumir uma afirmativa de que o grau de controle que exerce a escrita sobre esses sujeitos independe de grau de instrução. Os três primeiros recortes trazem representações de sujeitos sociais, cujo trabalho não exige a interferência de um saber científico que possa interferir no modo como os sujeitos tenham que registrar seus dados em seus arquivos. Trato, aqui, essa noção como lugar físico, suporte, e não como trabalha Foucault (1969) essa noção. Mesmo assim, esse lugar físico parece também indicar limites e modos de como o sujeito maneja seus dados, movimentos discursivos que se revelam na linguagem.

Há um movimento de relações sociais não simétricas, pois, em todos os lugares, os sujeitos falam de que tudo que realizam é uma exigência do lugar institucional onde trabalham. Esse lugar representa um domínio de discurso de autoridade que se reveste de um mecanismo de controle que parece ser bastante naturalizado, institucionalizado pelo modo como a sociedade estabeleceu esse grau de organização social.

Assim é que, no recorte um, é o sujeito trabalhador autônomo que não pode deixar de registrar todos os dados que informam quem é quem. Esse trabalhador vende cartelas de jogo de loteria, logo responde a um modo de ser de um sujeito: formação discursiva que remete a um modo de ser empresa arrecadadora de valores de apostas, lida assim com o jogo dos desejos dos sujeitos que idealizam um modo de ganhar dinheiro rápido e “resolver” seus problemas. O trabalhador tem como “senhor” de discurso, o saber do discurso do capital. Este assegura o direito de posse do dinheiro àquele a quem a “sorte” premia. Daí a necessidade de se registrar os dados de identificação e localização do sujeito jogador.

No recorte dois, o sujeito, nesse lugar, lida com a relação eu-outro, bastante implicada por um grau de governamentalidade que insinua uma relação de apropriação do outro: os acontecimentos que se relatam, registram, principalmente, o motivo da entrada do sujeito ao hospital, e como este se encontra no exato momento, seus dados pessoais, entre outras informações: esta é uma “verdade” que precisa ser evidenciada para ser visivelmente controlada. Em um ambiente de hospital, o grau de controle sobre o outro dá um poder àquele que vigia, demasiadamente ilusório, ao mesmo tempo, poderoso porque incide no modo como o sujeito é avaliado.

Nos relatórios de plantão, o sujeito inscreve na sua escrita os acontecimentos que registram, como é cada sujeito que ali dá entrada, revelando o outro, sob a ótica de quem registra por um modo de dizer que já está determinado é “a empresa ela ela tem como abrangir isso aí porque a gente é precisa de relatos do nosso plantão entendeu?” É preciso registrar “todo” o acontecimento, no período das doze horas do plantão. É o sujeito construindo a cada dia o reinício da história, ao mesmo tempo, o dizer evidencia o sujeito no movimento de suas relações de assujeitamento ao discurso do controle.

No recorte três, o sujeito se enuncia já sublinhando o seu lugar de autoridade, responsabilidade sobre os movimentos do outro, pois depende da escrita dele a veracidade das informações, cujas ações trazem como consequência um compromisso com o grau de verdade que envolve questões com valores de dinheiro. Ao mesmo tempo em que sua escrita gera ações que incidem sobre os outros, ela (a escrita) o subordina também, há um jogo, um

movimento de tensão, conflituoso “SIM É (+) exige muito de mim por conta que tenho que... fazer preço(+) depende de mim, depende da minha escrita... tenho que realizar as contas”.

O sujeito precisa dominar esse saber, saber fazer contas, saber “fazer preço”, são movimentos de jogos de poder interpelados pela ideologia do poder de compra que fundamenta os discursos já-ditos sobre o que é comercializar, lidar com o outro, procurando explorar suas particularidades. Estas são configuradas pelo discurso de tudo que circula como “necessidades” de objetos, bens, alimentos, etc. que fazem do sujeito social, um ser controlado pelos mecanismos do discurso sobre “temos o direito de procurar sempre o melhor”.

“Devo preparar textos resumidos que me vão ajudar, na preparação que devo falar em público, que na verdade são minhas memórias”, são palavras do sujeito que se enuncia no recorte quarto. A enunciação traz um discurso ideológico que revela o sentido de responsabilidade sobre o outro, do poder da palavra como resgate de memórias. O dizer instaura o sujeito no limiar da linguagem enquanto equívoco, pois revela a ilusão de que a escrita registra fielmente o movimento dinâmico da produção de sentidos (memórias), como repositório das ideias. Por outro lado, o dizer também revela como o sujeito se coloca no discurso: seu lugar discursivo é interpelado por um discurso da injunção, trazendo à superfície linguística um outro discurso que, historicamente, faz ecoar um discurso da verdade, do compromisso com o pensar do outro, enquanto discurso do domínio religioso. É um lugar que também tem na escrita um movimento de controle do outro, seja do sujeito que se enuncia, seja do sujeito para quem se enuncia, são movimentos do fenômeno da governamentalidade.

No recorte quinto, o dizer enunciativo revela um modo de dizer que, só nesse lugar “Na minha profissão é obrigatório”, se permite dizer: formação discursiva que responde por uma responsabilidade e controle do outro, que parece ser um movimento indiscutível, a palavra falada referenda esse sentido que o escrito documenta. O sujeito tem a visão e o controle do outro, nos seus mínimos detalhes “... realizo procedimentos simples mas também procedimentos que requerem maiores detalhes”. A escrita parece dizer o que se tem que fazer. Sabemos que a relação escrita/memória não se esgota pelo simples fato de a escrita limitar-se a registrar “fielmente” a memória e esta se esgotar em pontos fixos daquela. Mas, os modos de ser hoje da sociedade multifacetada de meios de interação, de produção ininterrupta e rápida de informações, ao lado, de uma demanda de múltiplas ações incidindo no sujeito trabalhador, produzem novas formas de ser sujeito nesse complexo mundo do trabalho. E lembro aqui as palavras de Certeau (1996, p. 224, 225) “Aqui só se compreende aquilo que se escreve”.

### 3. Considerações finais

Nos dados expostos à análise, nesse artigo, há uma recorrência a um discurso de referência que se insinua como um discurso de poder, instaurado no modo como as práticas de uso da escrita situam-se no cotidiano de cada sujeito entrevistado. Esse discurso de poder se evidencia na sua forma ocidental de se configurar o sujeito de discurso contemporâneo: o sentido do governo de um sobre o outro, organizado pelo modo como age cada um. Ações que são modeladas pelo lugar-espaco, pelo lugar-trabalho que produzem novas formas de significação. E a forma de organização da linguagem escrita, nesses lugares, evidencia como esses espacos materialmente significam. É um dizer escrito legitimado por um discurso ideológico, impregnado na filosofia de trabalho de cada instituição à qual integra os sujeitos em evidência.

Como analisa Foucault (1979), acerca do discurso da governamentalidade, esse discurso, no contexto da sociedade atual, age como mecanismo de controle, assegurando seu lugar por ter como alvo a população. É um discurso fundado no discurso do saber econômico. Como frisa o autor, a arte do governo atinge a todos nós.

Marshall (1994/2002) comenta sobre essa arte advertindo que esse poder, exercido em blocos disciplinares, requer do sujeito profissional um ajustamento permanente de sua capacidade para as relações de comunicação, relações de poder, uso adequado de recursos específicos, entre outras condições, pois esses blocos funcionam como sistemas regulados.

Podemos perceber como o dizer dos sujeitos informantes (trabalhador autônomo, comerciante, recepcionista de hospital, padre e odontóloga) descreve o modo como suas atividades de escrita são regradas por essa relação de poder e de saber sobre o outro ou sobre os outros, evidenciando um modo de ser sujeito que não permite discutir o para quê, parece que a razão de ser se reveste de tamanha importância que seria ilógico procurar compreender por que daquele modo e não de outro, e, principalmente, qual seria a funcionalidade real daquela função da escrita, naquela atividade.

A questão das relações de poder entre escrita manual, hoje, o sujeito que dela faz uso e as relações sociais em que elas ocorrem podem se configurar como um meio de gerar novos conhecimentos que podem trazer outros subsídios para se discutir a questão do ensino-aprendizagem da escrita, na escola, seja esse processo abordado em qualquer nível de escolaridade. Ainda não sabemos quase nada dessa implicação. Somos sujeitos hoje letrados de uma sociedade que se vislumbra cada vez mais exigente no modo como nos relacionamos pela linguagem.

## Referências

- ALMEIDA, M<sup>a</sup>. L. L. **Discurso e Construção da Subjetividade**: os movimentos discursivos do aluno e do professor. Tese de Doutorado – Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Ester V. de Sousa – UFPB/PROLING. (inédita) 2008.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAUMAN, Zygmund. **Vida Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros – RJ: Jorge Zahar. ED., 2007
- BAKHTIN, Mikhail-Voloshinov [1920-1930] O autor e o herói In: **Estética da Criação Verbal**. Tradução do francês: M<sup>a</sup> Exmantina Galvão G. Pereira. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHARTIER, Roger. Apresentação e Introdução. In: **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- CHARTIER, R. O manuscrito na era do texto impresso. In: **Os desafios da escrita**. Roger Chartier; Tradução de Fulvia M.L. Moretto. SP: Editora UNESP, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FOUCAULT, M. [1969] **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz F. B. Neves. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- \_\_\_\_\_. Disciplina. In: **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. A governamentalidade. In: **Microfísica do Poder**. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: **Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Hubert Dreyfus, Paul Rabinow. Tradução de Vera Porto Carrero. RJ: Forense Universitária, 1995.
- GREGOLIN, **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.
- LEANDRO, M<sup>a</sup> Lourdes da S. **A prática da escrita fora da escola**: O que dizem os discursos nas narrativas de profissionais. Projeto PIBIC (Coordenadora) – DLA-LITERGE/CNPq – UEPB.2011.2/2012.1
- MARSHALL, James. Governamentalidade e Educação Liberal. In: **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994/2002.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e Contemporaneidade** – O Sujeito Discursivo Contemporâneo: um exemplo. [WWW.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/CONFERENCIA/EniOrlandi](http://WWW.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/CONFERENCIA/EniOrlandi) 2005b.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes. 2004

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi [*et al*]. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. [(1988)]/1995

PINHEIRO, O. G. Entrevista: uma prática discursiva. In: **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas.** SPINK, M. J. (Org.). São Paulo: Cortez, 2000.

REVEL, J. **Michel Foucault:** conceitos essenciais. Tradução M<sup>a</sup> do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

